

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica

AS METÁFORAS BÍBLICAS NA OBRA FAHRENHEIT 451¹ **BIBLICAL METAPHORS ON FAHRENHEIT 451**

Fatima Inês Teles², Rosita Da Silva Santos³

¹ Artigo realizado no curso de Letras: Português e Inglês da Unijuí.

² Aluna do curso de Letras: Português e Inglês da Unijuí.

³ Professora Mestre do Departamento de Humanidades e Educação da Unijuí.

INTRODUÇÃO

O estudo da semântica e pragmática nos permite uma gama de ramificações onde podemos nos debruçar e nos aprofundar. Pensando nisso, o presente artigo busca integrar os conhecimentos adquiridos durante o estudo do referido componente, bem como associá-lo a literatura, observando e pontuando as metáforas bíblicas presentes na obra Fahrenheit 451, de Ray Bradbury, e dando-lhes uma significação coerente com a história da sociedade distópica escrita em 1953, buscando, dessa forma, unir o conteúdo e dar um maior horizonte interpretativo aos leitores da referida obra. Com base no referido pressuposto, os objetivos traçados para o estudo são os seguintes: propiciar uma reflexão acerca das figuras de linguagem, em especial a metáfora, explorando seu uso cotidiano de falantes da Língua Portuguesa, buscando estabelecer o efeito que possuem nos discursos na obra distópica de Ray Bradbury.

METODOLOGIA

O presente resumo se propôs a analisar os anúncios de maneira qualitativa e bibliográfica, buscando revisitar autores e estudiosos, tais como Cançado e Marcuschi, a fim de relacionar aspectos da obra de Ray Bradbury com livros Bíblicos. Como metodologia, foi realizada a leitura e estudos acerca dos temas estudados e, em seguida, procura-se apresentar essas metáforas e seus respectivos sentidos adquiridos dentro da obra de Ray Bradbury. Far-se-á uma reflexão de como o uso das metáforas no uso da língua, com base nos autores estudados, em seguida serão apresentados alguns pontos centrais da obra de Ray Bradbury e por fim, serão apontados e investigados os sentidos das metáforas bíblicas presentes na obra distópica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A autora Marcia Cançado, em Manual de Semântica (2003), afirma que a metáfora é vista como uma das formas mais importantes de linguagem figurativa e atinge o seu maior uso na linguagem literária e poética, embora já são encontradas marcas de metáforas em textos científicos, jornalísticos, publicitários e mesmo na nossa linguagem do dia-a-dia. A autora também aborda que existem muitas explicações de como as metáforas funcionam, mas a ideia mais comum é que a metáfora é uma comparação em que há uma identificação de semelhanças e transferência dessas semelhanças de um conceito para o outro.

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica

Por outro lado, para Marcuschi (2000), a metáfora é tomada como um fenômeno que se situa nos limites do dizível dentro da esfera linguística, ou seja, as interpretações possíveis devem ser observadas. O autor ainda ressalta que a metáfora se apresenta, em um primeiro momento, como um “fenômeno linguístico”. Outra questão importante a ser ressaltada é que a linguagem cotidiana baseia-se, muitas vezes, em metáforas conscientes, embora, outras vezes como em obras literárias, tal como o caso do livro analisado, interfere na interpretação e pode fazer com que o leitor deixe escapar algumas chaves interpretativas.

Cançado (2003) enfatiza que as características das metáforas podem ser: convencionalidade, sistematicidade, assimetria e abstração. Ao entrarmos em contato com metáforas, fazemos conexões com fatos já conhecidos, o que faz com que a metáfora nos faça sentido. As metáforas permeiam a nossa vida cotidiana, estando presentes em nossos diálogos, na literatura, anúncios publicitários e qualquer outro texto que circula socialmente. Marcuschi ainda cita Goodman, que afirma que a metáfora deve ser eficaz, lhe dando efeito de elemento surpresa, ou seja, algo não previsto.

Enquanto falantes, moldamos a linguagem em uma espécie de brincadeira com ela e a literatura, enquanto arte da palavra, também permite que a moldemos e façamos com que se torne plurissignificativa, dentro das interpretações possíveis que o autor nos permite. Os jogos de palavras e metáforas criadas dão aos textos uma maior dinamicidade, desafiando o leitor mais curioso a buscar novas fontes e chaves interpretativas. Ao ler um texto interpretativo, podemos nos deliciar com as palavras escritas pelo autor, mas podemos ir ainda além ao tentar desvendar certos pontos, pesquisando, relacionando e tendo um olhar crítico e mais amplo da obra, o que será apresentado nos capítulos que seguem.

O romance Fahrenheit 451, escrito por Ray Bradbury retrata uma sociedade de onde os livros haviam sido banidos e onde os bombeiros já não apagavam fogos, apenas queimavam livros, as casas, por sua vez, eram de materiais não inflamáveis. Fahrenheit 451 (equivalente a 233 graus Celsius) diz respeito à temperatura a que ardem os livros, ou seja, o título faz alusão à temperatura na qual o papel do livro pega fogo e queima.

O livro foi lançado em 1953 por Bradbury, mas sua ação se passa num futuro não muito distante dessa época. Em uma passagem do livro, é relatado que: “Desde 1990, já fizemos e vencemos duas guerras atômicas!” (BRADBURY, 2012. P. 97), o que leva o leitor a deduzir que o futuro de Bradbury corresponde mais ou menos ao nosso presente. (BRADBURY, 2012. P. 12).

O autor Bradbury “não imaginou um lugar de analfabetos, mas um mundo em que a escrita foi reduzida a um papel meramente instrumental e no qual a literatura e a arte têm função culinária” (BRADBURY, 2012. P.13). Os personagens sabem ler, mas só lhes interessa ler a programação de suas televisões ou o manual técnico que lhes permitirá ter acesso a um entretenimento que preenchem seus vazios. Os salões e de televisão estão por todas as partes e, para eles, isso basta, os passatempos devem ser “sólidos”, pois, dessa forma, não lhes resta tempo para pensar em outras “besteiras”.

Durante a obra de Bradbury, o autor abusa das metáforas, de figuras de linguagem, de analogias, o que inclui a Bíblia, e os diversos livros que a compõem são citados. Inicialmente, ao tomar consciência da importância que os livros poderiam ter, Montag, instintivamente, às escondidas, salva um livro do incêndio que provocam para destruir os livros de uma mulher. Quando toma

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica

consciência do ato criminoso que cometeu, percebe que estava com a Bíblia em mãos, talvez uma das últimas existentes, e antes de ter que devolvê-la, pensou em ler, para que ficasse com todo o conhecimento nela contido.

A autora Márcia Cançado (2012) afirma que, quando as propriedades do físico são transferidas para as propriedades da mente ocorre uma influência relevante na história do desenvolvimento. Nesse caso, o desespero em não esquecer o que lê faz com que Montag tente memorizar tudo, porém, como não há o contato com a leitura, ela tende a “escapar” descrita como areia na peneira, materializando o objeto da leitura, que, ao ler, ele tentaria fazer com que não vazasse, ou seja, ele não gostaria de perder nenhuma palavra do que estava lendo. O tentar compreender e fazer com que tudo que ler faça sentido e buscar saber o motivo de os livros atraírem tanto algumas pessoas, Bradbury utiliza a expressão “areia na peneira” para representar o conhecimento mais amplo, que é o que fica retido na memória.

Dessa forma, são apresentados alguns pontos fundamentais da obra, como a importância da memória, bem como é introduzida a influência que a Bíblia terá na mesma. Em Fahrenheit 451, a memória não demonstra não ter grande importância para a maior parte dos personagens. Na sociedade de Bradbury, os cidadãos simplesmente surgem como sendo fantoches da mídia e por receber tanta informação acabam sendo manipulados e levados a pensar em coisas desnecessárias. No decorrer da obra, observa-se a ampliação da noção de memória e dos fatos ocorridos. Os personagens que possuem um contato com livros ou que alguma vez já possuíram e são bem orientadas intelectualmente demonstram ter uma maior noção do que já ocorreu ou do que está ocorrendo em sua volta.

O primeiro livro bíblico citado na obra é o Livro de Jó, famoso por ser uma obra que retrata a provação de Jó. O professor Faber, um estudioso que vive recluso com medo da perseguição e que auxilia Montag na busca pela resolução de seus conflitos, instala uma espécie de ponto eletrônico no ouvido do então bombeiro, para que consiga se com ele e norteá-lo em seus momentos de indecisão. Como passatempo, Faber propõe que, enquanto Montag, dorme ele escute suas leituras, a iniciar pelo Livro de Jó.

Novamente a noção de reter o conhecimento é referida na obra, demonstrando a urgência de compreender o que está nos livros e fazer com que a leitura faça sentido. Importante frisar que, segundo a Bíblia (p. 605), o livro de Jó é um convite para nos libertar da prisão das ideias feitas e continuamente repetidas, a fim de ir ao encontro com Deus e com Ele caminhar, para construir um mundo novo. Podemos interpretar que Montag, com a ajuda de Faber, irá seguir em busca de um mundo onde as pessoas não tenham de viver presas a ideias e ideais distópicos, ou seja, não ideias. Podemos relacionar o sentido metafórico com o que realmente ocorre na trama, pois, após ser tentado e perder tudo o que tinha, Montag consegue se reconstruir e se reinventar ao atravessar o rio, faz uma travessia em sua vida, fazendo com que inicie uma nova fase/etapa.

Ao final de sua fuga, ao encontrar com os homens livro do outro lado do rio e ser questionado sobre o que tem a oferecer, Montag diz que tem em sua memória parte dos livros Bíblicos Eclesiastes e um pouco do Apocalipse, mas que ele não consegue lembrar. Granger então afirma que, no momento certo, suas memórias viriam de forma organizada, quando eles precisassem, e que, Montag seria o novo Eclesiastes. Esse livro bíblico traz, em sua introdução, o sentido de que procura reavivar a memória e a consciência histórica, além de preservar a identidade de seu povo,

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica

(BÍBLIA, 1990. P. 856) aspectos que estão intimamente ligados aos presentes na trama. Ao se rebelar contra o sistema que permeia sua sociedade e tentar fazer com que as pessoas percebam o quão cegas estão, Montag está tentando fazer com que ressurgam diversos aspectos que foram perdidos com o declínio social.

No tempo que Montag passa com os homens livro, muitas memórias retornam a ele e, no final da obra, quando estão caminhando para a cidade que havia sido arrasada pela guerra, o ex-bombeiro consegue lembrar de uma das passagens do Livro do Apocalipse 22;2: “E do outro lado do rio, está a árvore da vida que produz doze frutos, dando o seu fruto de mês em mês; e suas folhas servem para curar as nações”. (BRADBURY, 2012. P. 199).

Os significados que essa passagem traz são muitos. Inicialmente, ao falar de Apocalipse, na Bíblia, o livro é descrito como sendo de diversas revelações, do que está acontecendo e do que virá a acontecer: Deus vai agir na história, destruindo o mal e implantando seu Reino entre os homens. (BÍBLIA, 1990. P. 1516). Ou seja, após a guerra retomar e a sociedade ser destruída, os homens livro, que viviam reclusos do outro lado do rio, voltam e auxiliam na reconstrução da cidade, com suas palavras e ações.

Montag retrata que guardará a citação para ser usada ao meio-dia: “Sim, pensou Montag, será o que guardarei para o meio-dia. Para o meio-dia... Para quando chegarmos à cidade” (BRADBURY, 2012. P. 199). O meio-dia, nesse sentido, tem a denotação da parte do dia em que há mais incidência de luz sobre as pessoas, quando tudo fica mais claro e nítido. Com esses jogos de interpretação Bradbury encerra sua obra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As obras literárias nos oferecem diversas possibilidades interpretativas e, para tanto, os autores utilizam de sua criatividade e podem transformar o escrito em muito mais do que uma mera história. Diversos escritores fazem uso das mais variadas figuras de linguagem, fazendo com que a interpretação de uma história possa ser realizada de maneira mais aprofundada e tomando outros rumos interpretativos. A riqueza dos intertextos nos rodeia o tempo todo na vida social, porém na literatura a referência a algum texto pode gerar diversos outros significados. Basta atentarmos para o nosso olhar literário.

Palavras-chave: Bíblia; Distopia; Literatura; Metáfora.

Keywords: Bible; Dystopia; Literature; Metaphor.

REFERÊNCIAS:

- BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Edição Pastoral. Ed. Paulus 1990.
BRADBURY, Ray. *Farheinheit 451*. São Paulo, Ed. Globo, 2012.
CANÇADO, Márcia. *Manual de Semântica*. São Paulo. Editora Contexto, 2012.
CANÇADO, Márcia. *Manual de Semântica*. São Paulo. Editora Contexto, 2012.

Bioeconomia:
DIVERSIDADE E RIQUEZA PARA O
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

SALÃO DO UNIJUI 2019
CONHECIMENTO

21 a 24 de outubro de 2019

XXVII Seminário de Iniciação Científica
XXIV Jornada de Pesquisa
XX Jornada de Extensão
IX Seminário de Inovação e Tecnologia

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica

MARCUSCHI, L. A. *A propósito da metáfora*. Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte: UFMG, 2000.